

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER  
Curso de Bacharelado em Jornalismo

PATRICIA MARIA NASCIMENTO GAUDENCIO DE OLIVEIRA

**LIVRO-REPORTAGEM: UM PANORAMA DA AÇÃO DE COLETIVOS NO  
MORRO DA PROVIDÊNCIA - RIO DE JANEIRO**

RIO DE JANEIRO - RJ

2023

PATRICIA MARIA NASCIMENTO GAUDENCIO DE OLIVEIRA

**LIVRO-REPORTAGEM: UM PANORAMA DA AÇÃO DE COLETIVOS NO  
MORRO DA PROVIDÊNCIA - RIO DE JANEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do grau de bacharel em  
Jornalismo ao Centro Universitário  
Internacional UNINTER.

Orientador: Prof. Dra. Karine Moura Vieira.

RIO DE JANEIRO - RJ

2023

Aos 29 dias do mês de agosto de 2023 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Patrícia Maria Nascimento Gaudencio de Oliveira, portador do Registro Uninter (1919332) do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade produto, sob o título Livro-reportagem: um panorama da ação de coletivos no Morro da Providência – Rio de Janeiro e orientação do/a professor/a Dra. Karine Moura Vieira, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dra. Marcia Boroski

Examinador/a 2: Dra. Mônica Fort

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10

Sendo assim, considerou-se a estudante aprovada.

Assinam os seguintes  
participantes:

Orientador/a:

*Karine Moura Vieira*

Examinador/a 1: *Marcia Boroski*

Examinador/a 2:

*M. Fort*

Estudante: *Patrícia Maria N. Gaudêncio de Oliveira*

## **AGRADECIMENTOS**

Em nossas vivências, experimentações e projetos, há diversas pessoas envolvidas. Não estamos sós! Portanto, quero agradecer a todos que de alguma forma, contribuíram para o resultado desse trabalho.

Aos meus pais, Jorge e Graça, que manifestam o amor por cada um de seus quatro filhos nos incentivando em nossas escolhas, nos dando total apoio. Além de serem nosso exemplo master de caráter, honestidade, dedicação e, sobretudo, fé.

Aos meus irmãos, Rita, Luciana e Fabrício. Os quais admiro em todas as suas especificidades! As conversas, os encontros (às vezes os mais descontraídos) são sempre oportunidades para aprendermos algo a mais. E por extensão, aos meus cunhados, Bruno e Marcelo, guerreiros, em todo o tempo dispostos a ajudar!

Aos queridos Pedro e Guilherme que pelo simples fato de existirem já me tornam mais consciente e preocupada com as questões do mundo.

Estendo aqui o agradecimento aos mestres. A todos os professores do curso de Jornalismo da Uninter, gratidão por todo o ensinamento. Em especial, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Boroski, sempre muito generosa, a qual me recebeu de braços abertos no Programa de Extensão da Revista F, na ocasião em que participei da equipe, tendo sido este um grande incentivo para eu seguir em frente. Ainda em especial aos meus orientadores, nas respectivas fases de qualificação e defesa, Prof. MSc. Alexsandro Teixeira Ribeiro e Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karine Moura, que foram fundamentais para a evolução deste trabalho, sempre assertivos em seus apontamentos e direcionamentos.

Da mesma forma, agradeço a todos os amigos! Embora aqui destaquem-se os amigos Vania, Silvania, Aguinaldo, Fernando, Adriana, Andreia e Miguel, saibam que todos foram importantíssimos.

E por fim, agradeço a todas as pessoas com as quais conversei para o desenvolvimento deste trabalho. Aos líderes dos projetos que se colocaram à disposição para nossas rodadas de entrevistas e contribuíram com todo tipo de informação de que precisei. Aos queridos moradores da Providência, os quais abordei para conversarmos sobre suas histórias de vida e suas relações com os projetos citados, mostrando-se sempre em prontidão para ajudar.

Sem cada um de vocês, não haveria história!

Dedico ao meu filho Pedro, que acompanhou a produção do meu segundo trabalho de conclusão de graduação. Na ocasião do primeiro, ele ainda estava em meu ventre. Neste, aos dezoito anos, foi um importante ouvinte e comentarista. Além de grande incentivador nas minhas horas de desespero virginiano, nas quais ele sempre reforçava que eu era capaz de conseguir!

“Não basta criticar, apontar mazelas. Isso é um papel importante, mas precisamos dar um salto além. Precisamos sair do território escravizante do pensamento destrutivo e entrarmos firmes na geração de pensamentos produtivos (...).

A comunicação coletiva gera conteúdos que circulam no inconsciente da sociedade, alimentam campos morfogenéticos, para o bem e para o mal. É importante que nós, comunicadores, tenhamos consciência disso e trabalhemos, em prol de processos transformativos”.

(LIMA, 2009, p. 444-445)

## RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar as etapas de produção de um livro-reportagem, intitulado “Providências: um panorama sobre a ação de coletivos na primeira favela do Rio de Janeiro”, que contará a história de coletivos contemporâneos atuantes na favela do Morro da Providência, da cidade do Rio de Janeiro/RJ, destacando cinco projetos por eles desenvolvidos: SOS Providência, Galeria Providência, Rolé dos Favelados, Pré-vestibular Machado de Assis e Providência Agroecológica. O relatório monográfico explicita os aspectos que caracterizam um produto jornalístico no estilo livro-reportagem, expondo as circunstâncias de origem desse estilo e os aspectos em que este se diferencia de outras manifestações jornalísticas, tendo como principais referências teóricas os autores Belo (2006), Pena (2006), Lima (2009) e Santos (2009). Para contextualização a respeito da temática a ser abordada no livro-reportagem, realizaram-se pesquisas bibliográficas, apurando o histórico de formação das favelas na capital fluminense e os principais marcos que contribuíram para fortalecer o estigma de que tais espaços representassem um “mal” a ser combatido em detrimento da heterogeneidade que habita as favelas e das demandas mais genuínas dessa população, para, por conseguinte, apresentar o contexto de formação dos movimentos sociais, com a implementação de projetos desenvolvidos por coletivos que se propõem a atender a essas demandas, fortalecendo o caráter de ação comunitária, ainda indispensável para subsistência da favela.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; Livro-reportagem; Projetos Sociais; Rio de Janeiro; Favela.

## SUMÁRIO

|                                                             |           |
|-------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                    | <b>9</b>  |
| <b>2 JORNALISMO LITERÁRIO E O LIVRO-REPORTAGEM.....</b>     | <b>15</b> |
| <b>3 A VIDA COMUNITÁRIA E A PRESENÇA DOS COLETIVOS.....</b> | <b>24</b> |
| <b>4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....</b>                          | <b>31</b> |
| 4.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....                                       | 33        |
| 4.2 PRODUÇÃO.....                                           | 35        |
| 4.3 PÓS-PRODUÇÃO.....                                       | 44        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                          | <b>46</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                     | <b>48</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

No fim da década de 1890, como consequência de movimentos migratórios subsequentes à abolição da escravidão (CARDOSO, 2015), uma forma de habitação improvisada se intensifica no Morro da Providência, localizado na região portuária da cidade do Rio de Janeiro/RJ. Nesse contexto, “sem ter para onde ir, os migrantes passaram a ocupar qualquer terreno vago, abarcando-se em casebres improvisados, sem mais condições de saneamento ou infraestrutura do que se morassem na roça” (CARDOSO, 2015, p. 25).

Àquela altura, já havia construções similares em outros morros da cidade, uma reordenação que não foi atrelada a um projeto de transformação capaz de incluir social e economicamente essa população majoritariamente negra (MEIRELLES; ATHAYDE, 2014, p. 41). E dentre os movimentos que se sucederam, uma ocupação em específico, ocorrida no Morro da Providência em 1897, marca a história da cidade. Era a chegada de ex-combatentes da Guerra de Canudos<sup>1</sup> (CARDOSO, 2015).

Desassistidos pelo poder público, os ex-soldados encontraram nas encostas do morro uma alternativa para construção de suas moradias, “(...) ali se instalaram com a finalidade de pressionar o Ministério da Guerra a pagar seus soldos atrasados” (VALLADARES, 2005, p. 26). Nascia, então, o Morro da Favela, cujo apelido dado pelos veteranos de guerra aludia ao território onde estes se alojavam no sertão baiano. Favela ou faveleira é o termo popular usado para se referir a um arbusto rasteiro da espécie *Cnidoscolus quercifolius*, comum na caatinga e, que por sua abundância, deu nome ao morro onde se sucedeu o conflito em Canudos.

Os relatos sobre Canudos deram origem à clássica obra de Euclides da Cunha – Os Sertões – lançada em 1902, os quais logo foram adotados para traçar um paralelo entre a emergente forma de habitação (e de vida), que se configurava em território fluminense, e o cenário de guerra do sertão baiano:

---

<sup>1</sup> “Guerra de Canudos ou Campanha de Canudos foi um conflito armado que envolveu o Exército Brasileiro e membros da comunidade sociorreligiosa liderada por Antônio Conselheiro, em Canudos, no interior do estado da Bahia. Os confrontos ocorreram entre 1896 e 1897 (...)”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_de\\_Canudos#cite\\_note-FOOTNOTECalasans1959-1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Canudos#cite_note-FOOTNOTECalasans1959-1). Acesso em: 16/03/2023.

O arraial crescia vertiginosamente, coalhando as colinas. A edificação rudimentar permitia à multidão sem lares fazer até doze casas por dia – e, à medida que se formava, a tapera colossal parecia estereografar a feição da moral da sociedade ali acoutada. Era a objetificação daquela insânia imensa. Documento iniludível permitindo o corpo de delito direto sobre os desmandos de um povo. Aquilo se fazia a esmo, adoidadamente (sic). (CUNHA, E., 2016, p. 192)

As fortes imagens traduzidas por Euclides da Cunha, segundo Valladares (2005), permitiram aos intelectuais da época interpretar o processo de favelização em curso:

O que se tornaria o modelo de favela já estava, portanto, bastante presente no espírito desses intelectuais do Rio de Janeiro, que descobriram tais espaços novos na cidade através do olhar de Euclides da Cunha sobre Canudos. (VALLADARES, 2005, p. 30)

Por volta de 1904, “A reforma urbana (...) conduzida pelo prefeito Pereira Passos (...) mexia com estruturas fundiárias e sociais arraigadas. Sob o pretexto de higienizar e embelezar o centro da cidade” (CARDOSO, 2015, p. 24), em um processo de repressão seletiva, o novo modelo de habitação se proliferou rapidamente. O Estado considerava a extinção desses aglomerados uma exigência de saúde pública, “As primeiras tentativas de demolição da favela foram preconizadas em 1907, com a benção de ninguém menos do que Oswaldo Cruz” (CARDOSO, 2015, p. 25).

Todavia, as favelas “Mostraram-se resistentes às duras condições de vida local e tornaram-se endêmicas – tal qual a faveleira” (CARDOSO, 2015, p. 32). Na segunda metade do século XX, a imprensa já adotava a palavra favela para referir-se à toda forma de habitação similar (VALLADARES, 2005, p. 26). Com isso, no início da década de 1930, o Morro da Favela recebe outra denominação, passando, então, a chamar-se Morro da Providência (MEIRELLES e ATHAYDE, 2014).

Em 1937, as favelas são, pela primeira vez, reconhecidas oficialmente - do que se seguiram estudos sistemáticos, notada a necessidade de dados concretos para uma gestão mais eficaz da pobreza e de seus espaços (VALLADARES, 2005, p. 56). O censo de 1948 registrou 170 mil habitantes nesses aglomerados, segundo Valladares (2005), representando 7% da população do Distrito Federal. Não obstante, o documento que marca o registro da favela nas estatísticas oficiais apresenta um texto que “relaciona a presença de “pretos e pardos” (...) ao fato de eles serem “hereditariamente atrasados, desprovidos de ambição e mal ajustados

às exigências sociais modernas” (ZALUAR e ALVITO, 1998 apud CUNHA, M., 2016, p. 13).

As décadas seguintes são marcadas pelo crescimento desenfreado desse tipo de aglomeração no espaço urbano, posto que “A prática de reprimir e erradicar, por um lado, e fazer vista grossa para infrações de construção e habitação, por outro, tornou-se corriqueira (...)” (CARDOSO, 2015, p. 25). Conforme aponta Soares (2014), era estratégico manter a classe trabalhadora perto dos bairros afluentes da capital.

E ainda que a favela não tenha aceitado sem luta os destinos que lhes foram traçados (CUNHA, M. 2016, p. 37-38), frente à ciranda das “(des)qualificações generalizantes”, virou sinônimo de transgressão à lei e à ordem, verdadeiras praças de guerra (SOARES, 2014). Com o aumento da criminalidade na cidade do Rio de Janeiro, especialmente a partir dos anos 1990, predominava na imprensa a associação das modalidades de violência às dinâmicas do tráfico de drogas, dando a conotação de um “mal” que emergia da favela e irradiava para a cidade (LEITE, 2000, p. 74), o que, segundo Leite (2000), reforçava a “cultura do medo” já disseminada entre os concidadãos.

Nesse ínterim, contudo, se fortalecem múltiplos projetos de resgate da solidariedade entre cidadãos, promovidos por ONGs, igrejas e diversos movimentos, “oferecendo uma resposta ao sentimento de injustiça e à vontade de atuar na sua superação” (LEITE, 2000, p. 84).

A análise do contexto histórico em que se deu o desenvolvimento da favela, diante de diferentes governos (municipais e estaduais) com suas políticas diversas, constitui uma das etapas do processo de elaboração deste projeto que tem como objetivo geral produzir um livro-reportagem que apresente um panorama de coletivos<sup>2</sup> contemporâneos, atuantes no Morro da Providência/RJ<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Agrupamento de indivíduos /pessoas que comungam do mesmo ideal ou lutam pela mesma causa. Disponível em: <https://www.elaborandoprojetos.com.br/o-que-e-coletivo/#.ZCrD3nbMLrc>. Acesso em: 03/04/2023.

<sup>3</sup> O livro-reportagem pode ser conferido em: [https://drive.google.com/file/d/1NjqUUsdpfAMkx\\_7076s6Snilioj7WKUF/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1NjqUUsdpfAMkx_7076s6Snilioj7WKUF/view?usp=drive_link). Acesso em: 19/09/2023.

As demandas para as múltiplas ações praticadas pelos coletivos, que ganham intensidade, como vimos, a partir dos anos 1990, são consequências da disparidade entre o desenvolvimento econômico e social, que

(...) faz emergir um conjunto de processos, experiências e dramas sociais próprios de uma sociedade em tensão mergulhada num mundo aquém de suas possibilidades. (...) São processos que produzem e reproduzem as fraturas desta sociedade. (CUNHA, M., 2016, p. 17)

Um fator impulsionador para a temática escolhida pela autora deste projeto, foi a autoria da matéria “A vida pelo coletivo nas favelas”<sup>4</sup>, para o jornal Marco Zero da Uninter. Na ocasião das entrevistas realizadas, foi possível verificar a inevitabilidade dos projetos sociais, ainda nos dias de hoje, em comunidades tais quais a favela da Providência, como alternativa ao desenvolvimento sociocultural da população que nela habita, quando não, atendendo às suas necessidades mais básicas, as quais o Estado ainda tem dificuldade para suprir.

Dessa forma, os objetivos específicos do produto a ser desenvolvido são: relacionar o contexto histórico de formação da favela do Morro da Providência; identificar importantes projetos promovidos na localidade ao longo dos anos; e apresentar os projetos SOS Providência<sup>5</sup>, Galeria Providência<sup>6</sup>, Rolé dos Favelados<sup>7</sup>, Pré-vestibular Machado de Assis<sup>8</sup> e Providência Agroecológica<sup>9</sup>, aprofundando-se em suas histórias, desafios e conquistas, tendo como personagens principais as lideranças locais e moradores impactados pelos projetos em questão.

A escolha pelo formato livro-reportagem baseia-se no fato de ser esse um meio o qual permite a produção de conteúdo para além das fronteiras do jornalismo factual, e “dos limites convencionais que ele próprio (o jornalismo) se impõe” (LIMA, 2009, p. 41), preenchendo, assim, lacunas deixadas pelo jornalismo cotidiano. Aqui vale destacar que a própria história da favela, configurada tal como marcou o imaginário social, começa no paralelo que se traça, conforme já dito, entre as

<sup>4</sup> Reportagem publicada na edição n. 71 do Jornal Marco Zero. Disponível em: <https://www.mediacaouninter.com.br/single-post/a-vida-pelo-coletivo-nas-favelas>. Acesso em: 17/03/2023.

<sup>5</sup> <https://www.instagram.com/sos.providencia/> Acesso em: 26/03/2023.

<sup>6</sup> <https://www.instagram.com/galeriaprovidencia/> Acesso em: 26/03/2023.

<sup>7</sup> <https://www.instagram.com/roledosfavelados/> Acesso em: 26/03/2023.

<sup>8</sup> [https://www.instagram.com/prevestibular\\_machadodeassis/](https://www.instagram.com/prevestibular_machadodeassis/) Acesso em: 26/03/2023.

<sup>9</sup> [https://www.instagram.com/providencia\\_agroecologica/](https://www.instagram.com/providencia_agroecologica/) Acesso em: 14/06/2023.

construções improvisadas no território fluminense e o que foi descrito por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, obra que se tornou o primeiro exemplar característico do jornalismo literário no Brasil:

(...) a própria história do jornalismo brasileiro que, como aconteceu em outros países, nasceu ligado à literatura e à política, demonstra uma longa convivência entre os dois discursos, como comprovam não apenas as seções de variedades e os folhetins, de onde surgiu a nossa crônica, como também o exemplo maior de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. (COSSON, 2002, p. 59)

Ainda conforme Belo (2006), o fluxo de livro-reportagem tem movimentado o mercado atual, mesmo em cenário tão adverso, com crescente número de títulos à disposição nas livrarias, o que confirma que uma parcela do público dá sinais de que há, sim, leitores interessados em textos mais aprofundados (BELO, 2006). Lima (2009) enfatiza que o gênero livro-reportagem está em desenvolvimento, com potencial de evolução extraordinário, impulsionado pela “produção em geral desvinculada do quadro conjuntural que coíbe voos elevados na imprensa cotidiana” (LIMA, 2009, p. 81).

Foram realizadas buscas na Internet por produtos jornalísticos no formato de livros que abordassem a atuação de coletivos no Morro da Providência. A pesquisa pelas expressões “projetos sociais no Morro da Providência” e “coletivos nas favelas”, apresentou um relativo número de matérias no estilo factual, em sua maioria divulgando eventos e ações específicas<sup>10</sup> e/ou artigos e dissertações abordando a temática<sup>11</sup>. Foi localizada, também, a obra *Morro da Favela*, de André Diniz, que conta a vida do fotógrafo Maurício Hora, morador do Morro da Providência, em formato de HQ<sup>12</sup>.

Contudo, não foi localizado um título no formato livro-reportagem abordando a temática dos coletivos da favela e em específico apresentando a história dos

<sup>10</sup> Exemplos de matérias publicadas a respeito da atuação de coletivos no Morro da Providência: Disponíveis em: Jornal Extra <<https://extra.globo.com/noticias/rio/projeto-reune-demandas-dos-moradores-da-providencia-para-propor-solucoes-urbanas-partir-da-otica-de-quem-vive-no-morro-25145372.html>>; Agência de Notícias da Favela <<https://www.anf.org.br/favela-3d-chega-ao-morro-da-providencia/>>. Acessos em: 11/04/2023.

<sup>11</sup> Artigo publicado na Revista Brasileira de Sociologia, disponível em <<https://www.anf.org.br/favela-3d-chega-ao-morro-da-providencia/>>. Acesso em: 12/04/2023.

<sup>12</sup> A obra de André Diniz apresenta a história do morador da favela da Providência Maurício Horta. A narrativa apresenta o dia a dia das favelas cariocas pelo ponto de vista de um morador. Resenha disponível em: <<https://deusmelivro.com/mil-folhas/morro-da-favela-andre-diniz-16-4-2021/>>. Acesso em: 20/04/2023.

projetos sociais selecionados, conforme já mencionado. Assim se confirmou a escolha pelo formato do produto, por ser essa alternativa vista como um ensejo para registrar essa história, que hoje, porventura, figura em canais alternativos, perfis de redes sociais, blogs e jornais comunitários, contudo sem profundidade.

O produto é indicado não só para o público externo que, por estar fora dos limites do morro, por vezes ignora a realidade da favela e a associa tão somente à violência, mas, em especial, para a população local, como forma de reconhecimento e valorização.

Para além desta Introdução, o presente relatório monográfico está organizado em mais três capítulos. O segundo capítulo apresenta o conceito de Jornalismo Literário e sua especificidade quanto ao livro-reportagem, expondo o contexto de origem desse estilo e os aspectos em que este se diferencia de outras manifestações jornalísticas, com destaque referencial para Belo (2006), Pena (2006), Lima (2009) e Santos (2009).

O terceiro capítulo discorre sobre a manifestação das ações comunitárias que predomina no Morro da Providência, o que ainda nos dias de hoje se mostra vital para a sua subsistência, visto que, “o “morar na favela” abrigava, e ainda abriga, uma diversidade de experiências e visões em confronto desde o momento em que uma favela surge” (CUNHA, M., 2016, p.38).

Por fim, o capítulo quatro refere-se ao processo de construção do livro-reportagem intitulado “Providências: um panorama sobre a ação de coletivos na primeira favela do Rio de Janeiro”<sup>13</sup>, apresentando as fases de elaboração, dando vista a todas as etapas, desde as pesquisas bibliográfica, documental e de campo, às demais fases de pré-produção, produção e pós-produção, previstas em um planejamento.

---

<sup>13</sup> O livro-reportagem pode ser conferido em: [https://drive.google.com/file/d/1JNtK0hx-jdzaodjhF2wOLkrnkQ5dTfOm/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1JNtK0hx-jdzaodjhF2wOLkrnkQ5dTfOm/view?usp=drive_link) Acesso em: 22/08/2023.

## 2 JORNALISMO LITERÁRIO E O LIVRO-REPORTAGEM

Assim como na literatura, em que há uma definição de gêneros textuais, as produções jornalísticas podem ser classificadas mediante os estilos e técnicas aplicadas na produção, “(...) a gênese das classificações jornalísticas remonta os primórdios da imprensa diária” (STANCKI, 2018, p. 27).

Contudo,

Um e outro campo de ação discursiva [literatura e jornalismo] comportam práticas muito distintas (...) e se fragmentam em gêneros e subgêneros (disponibilidades expressivas muito diferentes). (...) há dimensões da literatura que pouco ou nada têm a ver com o jornalismo, dimensões do jornalismo alheias às práticas literárias e, finalmente, um espaço compartilhado no qual não é tão fácil distinguir um e outro tipo de discursos. (MEDEL, 2002, p. 23)

Segundo Pena (2006, p.17), “De Aristóteles à sociedade moderna, passando pelos enciclopedistas do século XVIII, houve inúmeras mudanças nos diversos tipos de classificações”, sendo, atualmente, os gêneros opinativo, informativo, interpretativo, utilitário e diversional os mais aceitos no jornalismo brasileiro (Stancki (2018).

Os critérios que definem os gêneros perpassam a forma, o conteúdo e a finalidade do texto, bem como o estilo - que estabelece como uma narrativa do jornalismo deve ser classificada (STANCKI, 2018). Tanto os critérios quanto as classificações podem variar, o que torna o processo sempre dinâmico (PENA, 2006):

A Universidade de Navarra, na Espanha, foi um dos primeiros centros de investigação a sistematizar o estudo dos gêneros jornalísticos, desde 1959. (...) No Brasil, Luiz Beltrão foi o pioneiro, seguido do professor José Marques de Mello, cujas propostas foram baseadas nos seguintes critérios: 1) finalidade do texto; 2) estilo; 3) modo de escrita; 4) natureza do tema; e 5) articulações interculturais (cultura). (PENA, 2006, p. 19)

Conforme aponta Stancki (2009), “o gênero diversional tem como expressão máxima o movimento do jornalismo literário”. Atribui-se a esse gênero - assim denominado não pelo sentido de entretenimento, mas diverso (COSTA, 2015 apud MARTINEZ, 2017) -, por exemplo, as reportagens especiais que surgiram com o *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, em que “(...) repórteres norte-americanos

passaram a rejeitar a objetividade das construções de suas matérias publicadas na imprensa” (STANCKI, 2018, p. 153).

Os textos que compõem as produções tipificadas como jornalismo literário, são livres das amarras que marcam o texto jornalístico na estrutura clássica do jornalismo factual, “(...) Era uma espécie de “voto de protesto” contra a ditadura do *lead* e da pirâmide invertida” (BELO, 2006). Mais que isso, expressa a possibilidade de ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos e proporcionar visões amplas da realidade (PENA, 2006).

Ainda que o movimento do *New Journalism* americano marque a história do jornalismo literário, “O jornalismo nasce particularmente unido à literatura, mas sem a percepção por parte dos antigos de que aquilo ali desenvolvido era jornalismo” (CASTRO, 2010, p. 10). Castro (2010) aponta que o anúncio de notícias de forma literária já ocorria no Egito Antigo.

É famoso nos dias de hoje o papiro de Sinue, escriba e médico egípcio contando a sua vida e a do reinado de Sesostri III (1878-1841 a.C.). Esse papiro está hoje no museu do Cairo, aberto à visita. Ao mesmo tempo que é um registro histórico dos acontecimentos daquela época, é uma crônica cuja narração é uma biografia, a do personagem Sinue. (CASTRO, 2010, p. 10)

Contudo, baseando-se nos escritos de Marcondes Filho – importante teórico brasileiro da Comunicação –, Pena (2006) aponta que a influência da literatura na imprensa remonta às épocas dos ditos primeiro e segundo jornalismo, que somados os períodos variam entre os anos de 1789 a 1900 e são marcados, o primeiro pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, e o segundo pela imprensa de massa, com a profissionalização dos jornalistas e difusão das reportagens.

Segundo Pena (2006), o principal instrumento do estilo discursivo foi o folhetim, que na França configurava-se como um suplemento dedicado à crítica literária e a assuntos diversos. Mais tarde esse conceito foi incorporado à nova lógica capitalista, pois, publicar narrativas literárias em jornais aumentou substancialmente o número de leitores (PENA, 2006). O folhetim, com uma linguagem simples e acessível, era dirigido a um público mais vasto, de todas as classes (SANTOS, 2009).

Boa parte dos autores de folhetim, destacaram-se na história da literatura universal, entre eles, na França, Honoré de Balzac, Victor Hugo e Alexandre Dumas. Na Inglaterra, destacaram-se Charles Dickens e Walter Scott. Em Portugal, Camilo Castelo Branco e Júlio Diniz e na Rússia, Dostoiévski e Tolstoi (PENA, 2006, p.30-31). Conforme Castro (2010), ao associar o jornalismo literário à escola do realismo social europeu do século XIX, os mentores do New Journalism identificaram na literatura de Dickens, Dostoiévski e Balzac características de uma faceta libertária que o jornalismo poderia adotar para si.

No Brasil, os estudos em Jornalismo Literário compartilham o mesmo atraso de três séculos que os do Jornalismo como um todo apresentam no país, visto que a implantação de gráficas na então colônia portuguesa só seria autorizada em 1808 com a chegada ao Rio de Janeiro da corte lusitana em sua fuga das invasões napoleônicas (MARTINEZ, 2017). Ainda segundo Santos (2009), “O próprio jornal, nascido no bojo de uma Europa que se queria liberal e moderna, não poderia se aclimatar totalmente num Brasil marcado pelo atraso industrial, pelo analfabetismo e pela escravidão”.

Santos (2009) pondera que:

(...) havia um afã europeizante muito forte nos costumes brasileiros do período que se manifestava de várias formas (no urbanismo, nas modas, no comércio, no idioma, no comportamento etc.) e que forneciam os signos para a atmosfera de Civilização e para a distinção e superioridade da elite carioca. (SANTOS, 2009, p. 16)

E enfatiza que não seria diferente com a forma literária, “que teria que se modificar para circular naquele veículo mais apropriado aos tempos modernos: o jornal” (SANTOS, 2009, p. 16).

Contudo, “quase todos os escritores brasileiros do século XIX (até o começo do século XX) passaram por jornais, como, por exemplo, Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Visconde de Taunay” (PENA, 2006).

Sucessos como os alcançados pelo Guarani, publicado entre fevereiro e abril de 1857, e A viuvinha, em 1860, ambos no Diário do Rio de Janeiro, revelam a popularidade do produto. (...) Autores nacionais se entregariam ao novo gênero, como Machado de Assis, com A mão e a luva em O Globo, em 1874, e com Iaiá Garcia em O Cruzeiro, em 1878. É a forma encontrada pelos autores de divulgarem o seu trabalho, uma vez que, na segunda metade do século XIX, a impressão de livros aqui no Brasil era uma raridade. (SANTOS, 2009, p. 12)

De acordo com Pena (2006), Machado de Assis solidificou sua carreira de jornalista quando repórter no Senado Federal e tornou-se grande exemplo de cronista folhetinesco, tendo em vista que no Brasil os estilos folhetim e crônica se confundiam em muitas ocasiões. No entanto, o escritor era crítico ao descompasso na importação de um ideário europeu em um Brasil constituído pelo atraso (SANTOS, 2009).

O manifesto do *New Journalism* foi escrito por Tom Wolfe em 1973 (PENA, 2006), apesar de alguns escritores já anteciparem o gênero, “(...) O mais significativo deles talvez seja John Hersey, autor do célebre Hiroshima (1946), que utilizou uma narrativa romanceada para escrever um livro jornalístico (...)” (PENA, 2006, p. 53). Escrevendo para o Herald Tribune, Tom Wolfe se torna um especialista em reportagens frias, ao lado de Charles Portis, Jimmy Breslin e Dick Schaap. Enquanto no *Times*, Gay Talese destacava-se, sendo considerado por Wolfe como um “duro competidor” (CASTRO, 2010, p. 48), “Talese posicionava-se contra às afirmações dos críticos que rotulavam o New Journalism de Parajornalismo, alegando que os fatos contados por eles eram propositadamente distorcidos quando não inventados” (CASTRO, 2010, p. 51).

Pena (2006) destaca quatro recursos nos quais o Novo Jornalismo se baseava, segundo Wolfe:

Reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. (PENA, 2006, p. 54)

“Desse caldo de cultura brotaram as condições para a consolidação do texto na reportagem à brasileira” (BELO, 2006, p. 32), que tinha características mais descritivas e menos interpretativas, o que levou ao embrião do livro-reportagem no país, pois:

Produzido em profusão e com uma linguagem mais trabalhada do que preconizavam os primeiros manuais de redação, os expoentes do New Journalism ganharam os livros. A transição de um meio para o outro era quase uma consequência direta do profundo interesse que havia na sociedade pelas histórias humanas, contadas de forma saborosa e muitas vezes em séries de reportagens. (BELO, 2006, p. 27)

No entanto, o primeiro exemplar com qualidades do gênero, remete a 1897: Os Sertões, de Euclides da Cunha. A obra, como já citada, apresentou uma série

de relatos produzidos para o jornal O Estado de São Paulo. A coletânea desses relatos foi publicada em 1902, apresentando uma narrativa rica e detalhada, com um tom mais próximo à literatura do que ao jornalismo (BELO, 2006), de forma que Euclides da Cunha representou um verdadeiro divisor de águas no panorama da intelectualidade brasileira (LIMA, 2009).

Já no período de grande transformação do Rio de Janeiro à modernidade, na primeira década do século XX, Paulo Barreto, que assinava seus textos com o pseudônimo João do Rio, combinava literatura com técnicas da reportagem moderna, “Suas crônicas-reportagens, publicadas posteriormente em livro, faziam um retrato da vida e dos costumes da cidade do Rio de Janeiro (...)” (BELO, 2006, p.33). O pioneirismo de João do Rio se dá na observação detalhada da realidade, através da coleta de informações por meio de entrevistas a fontes, pela sugestão descritiva dos ambientes e pelo ritmo narrativo concentrado em situações vivas. “Depois de João do Rio, parece existir um hiato na evolução da reportagem brasileira, que só vai ser retomada significativamente após a Segunda Guerra Mundial” (LIMA, 2009, p. 220).

Com o advento de novas técnicas de impressão e edição, barateando a imprensa (SANTOS, 2009), ampliando o consumo pelas camadas alfabetizadas, sobretudo, concomitantemente com as transformações econômicas e sociais, a produção literária se transforma, “Do lento livro, passa-se à imprensa veloz. Do livro eterno passa-se à transitoriedade da folha que morre. Do livro de poucos leitores passa-se ao grande público” (SANTOS, 2009, p. 21). Na lista de jornalistas brasileiros que produziram para além das redações, alguns encontraram no livro-reportagem uma “seara produtiva, como é o caso de Fernando Moraes e Zuenir Ventura” (CASTRO, 2010, p. 53). Tal qual enfatiza Lima ao ser citado por Castro (2010), o livro-reportagem

De um lado amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou suficientemente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1993 apud CASTRO, 2010, p. 52)

Todavia, “Quando ocorre o deslocamento do jornalismo periódico para o livro, o que é dito adquire outra espessura sem, contudo, deixar de ser jornalístico porque se fundamenta no exercício profissional” (ZAMIN, 2011, p. 4). O modo de objetivação jornalística se mantém, na conjuntura de processos de apuração e demais etapas até a apresentação dos acontecimentos, por outro lado, neste deslocamento, “o repórter pode ser sujeito – ao contrário do texto jornalístico que propõe o apagamento daquele que fala – e, longe dos controles da redação, expressar sua subjetividade, suas impressões e suas opiniões diante do ocorrido” (ZAMIN, 2011, p. 4). Ainda segundo Zamin (2009), os livros produzidos por jornalistas, em caráter jornalístico, estão além dos relatos dos jornais e às margens das teorias jornalísticas e manuais de redação.

No jornalismo factual, o apagamento das marcas do sujeito resulta no efeito de objetividade buscado pelo jornalismo, “pois o peso dado ao referente externo cria a ilusão de sua autonomia, de uma existência independente da linguagem” (SATO, 2002, p. 31). A realidade é expressa, assim, em recortes como se estes constituíssem a totalidade, no entanto, “a totalidade caracteriza-se por formar um todo estruturado, dialético, que possibilita a compreensão do fato como parte estrutural do todo” (SATO, 2002, p. 31). No Jornalismo literário, portanto, a noção de informação amplia seu espectro, “deixando de ser matematizada (o máximo de informação possível no mínimo espaço) para ser multifocal e complexa (...)” (CASTRO, 2010, p.6). Importante ressaltar ainda, segundo Sato (2002), que:

A narrativa jornalística parece contígua ao fato, mas, ao se transformar em notícia, o acontecimento torna-se um texto submetido às categorias narrativas. As variações de jornal para jornal refletem a angulação de cada veículo, a edição, a relação repórter-realidade e variantes do universo de narração. (SATO, 2002, p. 32)

Juntos, “a literatura e o jornalismo podem indicar o bom exercício do prolongamento dos dias e da circularidade do tempo” (GALEANO, 2002, p. 108), onde narrativas e personagens, relativas ao fato, resgatam memórias, desvendam o presente e ajudam a imaginar e a criar futuros. Assim, ao jornalista, “Não basta apenas, pois, observar passivamente, é preciso percorrer as aspirações do relato, é preciso dar voz, é preciso entrar em choque com o acontecimento ou com os

vários acontecimentos, em uma perspectiva naturalista de apreensão” (CORAÇÃO, 2009, p. 6).

São vários os critérios que podem levar em conta uma reflexão fecunda sobre as relações entre jornalismo e literatura (MEDEL, 2002), entre os quais destaca-se, segundo o autor, o de que “no caso do discurso jornalístico deve ser predominante a função referencial, por ser a que articula sua funcionalidade informativa e sua vontade de construir discursos baseados em fatos reais” (MEDEL, 2002, p. 23), contrapondo-se à maior liberdade referencial da literatura, que baseia-se mais em um pacto estético do que em um pacto ético de credibilidade, ainda segundo Medel (2002).

Contudo, na relação entre jornalismo literário e literatura, não se pode pensar na “oposição entre informar ou entreter” (PENA, 2006, p. 21), mas sim em uma atitude narrativa em que ambos se misturem.

Assim visto, a literatura “empurra” o jornalismo para arte enquanto o jornalismo traz a literatura para a vida real. Desse inusitado encontro, nasce o Jornalismo Literário ou o que prefiro chamar de Literatura de Complexidade. (CASTRO, 2010, p. 27)

O termo Literatura de Complexidade, a que se refere Castro (2010), é aqui justificado

para definir essa forma de tratamento da escritura que abarca em si diversos níveis e se faz, por isso mesmo, sistêmica. Ademais, também é complexa, porque lida simultaneamente na escritura com o real e o irreal, o falso e o verdadeiro, o ficcional e o não ficcional em seus caracteres relacionais, dialógicos e produtores de conhecimento. (CASTRO, 2010, p. 6)

Quanto ao domínio das técnicas literárias, à amplitude dos métodos de captação e ao grau de complexidade, os livros-reportagem podem adotar nuances de conto ou romance. O livro-reportagem classificado como conto é, nas palavras de Lima (2009), menos ambicioso. Representa uma história imediata, expondo um recorte de tempo e lugar bem delimitados e que não se aprofunda em dimensões que levem a uma compreensão contextual. Ainda segundo o autor, no caso do romance, há uma “espessura psicológica na narrativa, o que implica a uma visão real dos personagens” (LIMA, 2009, p.251), contribuindo para que o leitor descubra, por meio desses personagens, a realidade humana. O romance conta uma história

e conduz a uma reflexão. “A categoria “romance de não ficção” é consolidada com o A Sangue Frio, de Capote, marco de uma nova era” (CORAÇÃO, 2009, p. 3).

Pena (2006) destaca importantes objetivos intrínsecos ao jornalismo literário: potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper correntes burocráticas da narrativa e garantir perenidade e profundidade aos relatos. E ainda, conforme apontado por Pena (2006), as técnicas do jornalismo não são dispensadas na especificidade do jornalismo literário, mas da forma como são aplicadas constituem novas estratégias profissionais.

Dentre as diferentes modalidades que o jornalismo literário aporta, o livro-reportagem se consolida como um recurso expoente, “ora de uma literatura de realismo crítico (o mais comum), ora de lirismo, aventura, formação, análise sociológica e cultural (...)” (CASTRO, 2010, p. 54). Essencialmente, como destaca Lima (2009), é uma obra de autor, onde a presença expressiva do seu realizador é notada. Afastando-se do “ritmo compulsivo de produção das redações”, o autor tem liberdade, inclusive, de “fugir do estreito círculo das fontes legitimadas e abrir o leque para um coral de vozes variadas” (LIMA, 2009, p. 84).

Liberdade é, enfim, um caráter que marca a produção no gênero, em diferentes aspectos, como descreve Lima (2009), tais quais na escolha temática, na angulação, no aspecto temporal, na abordagem e mesmo no propósito. O autor classifica o livro-reportagem quanto ao objetivo particular específico e quanto à natureza do tema de que trata a obra, sendo estes os tipos: perfil, depoimento, retrato, ciência, ambiente, história, nova consciência, instantâneo, atualidade, antologia, denúncia, ensaio e viagem.

Ainda conforme Lima (2009), há três aspectos essenciais que devem ser considerados na avaliação de um livro-reportagem: o conjunto de instrumentos de que se vale para a produção da mensagem; o projeto estético, que lhe dá expressão; e seu propósito ético – a natureza de sua visão de mundo, com foco na realidade. Nesse terceiro aspecto, a depender dos recursos que emprega, o jornalismo pode levar a uma viagem epidérmica pela realidade, da qual provém pouca retenção; de outro modo poderá apresentar uma visão mais ácida, crítica,

conduzindo o leitor para uma visão marcadamente pessimista; ou ainda, a uma visão crítica, porém com possibilidades de reordenamento construtivo (LIMA, 2009).

“No momento em que o jornalismo se limita à factualidade (sic) restrita, está apreendendo um aspecto muito diminuto da realidade” (LIMA, 2009, p. 320), não conseguindo, dessa forma, ampliar o conhecimento que aborda. “Para Wolfe, os jornalistas preocupados com o “furo” e os literatos preocupados com o “fantástico” minam o status de aproveitamento humanizado do real” (CORAÇÃO, 2009, p. 11). Predomina, assim, um jornalismo “que se converteu à imprensa em uma atividade limitada: a busca e divulgação da informação” (PEIXOTO, 2002, p. 122), sacrificando valores de natureza intelectual. O livro-reportagem, portanto, apresenta-se como um importante canal para abordar a contemporaneidade, buscando o sentido e um significado ampliados do real, elaborando um pensamento produtivo, com propósito em provocar o desequilíbrio e a reordenação mental e emocional da realidade percebida.

Sobretudo, o jornalismo literário é “uma viagem de descoberta pelo território do real” (LIMA, 2009, p. 436). E assim como o real se transforma a todo instante, a literatura é dinâmica e se modifica. A literatura de não-ficção aponta para a realidade por meio de instrumentos que se adaptam às novas realidades e dessa forma abandona o “pensamento simples, linear, arraigado à base de nossa cultura, para alçar voo em direção ao nível orgânico, muito mais coerente e essencial do pensamento complexo” (LIMA, 2009, p. 436).

O jornalismo, portanto, ao unir-se à literatura, produz uma narrativa criativa que traduz conhecimentos complexos, com transdisciplinaridade e movimento, mormente requerendo, dos escritores, familiarização com o passado e com o agora, tornando suas narrativas objetos de transformação.

### 3 A VIDA COMUNITÁRIA E A PRESENÇA DOS COLETIVOS

Consideradas as variações regionais e conjunturais, o termo associado ao território de aglomerações improvisadas no espaço urbano pode se diversificar. “Nem sempre (favela) é o nome adotado pelos próprios habitantes” (SOARES, 2014, p. 7).

“Favela”, “morro”, “comunidade”, “aglomerado”, “complexo”, “periferia”, “quebrada”. Você já deve ter ouvido essas palavras. São nomes que as pessoas dão para aquele lugar onde se vive com pouco recurso, onde em muitos casos, não se tem o básico. (CHESTHER, 2020, p. 23)

Tais termos são muitas vezes imputados como categoria de acusação, imprimindo preconceitos a todo um grupo – “a ponto de moradores de favelas verem-se instados a falsificar endereços para evitar discriminação quando procuram emprego” (SOARES, 2014, p. 7).

O receio do estigma que a designação “favela” ou outros termos similares carregam em si, “(...) definições prolixas, pretensiosas e, nem por isso, precisas ou isentas de cargas valorativas” (SOARES, 2014, p. 7), é reflexo da condição a que essa população foi submetida ao longo do tempo, em um processo de constante reforço de “nexos simbólicos que territorializavam (sic) a pobreza e a marginalidade nas favelas cariocas” (LEITE, 2000, p. 74).

Partindo-se do pressuposto de que “Comunidade envolve questões de identidade, pertencimento, vínculos e conexões sociais, (...)” (GONSALEZ, 2022, p. 19) e, sobretudo, compreendendo que a favela não se configura de forma homogênea, portanto, mesmo os moradores de uma determinada favela podem não compartilhar interesses, o mais apropriado seria, do ponto de vista dos moradores, a não-rotulação, ou seja, dispensar qualquer referência à identidade territorial em trocas sociais (BIRMAN, 2008), pois, o termo “comunidade”, por exemplo, comum no Rio de Janeiro, não é capaz de impedir a associação do morador a traços negativos oriundos desta identificação. O apelo pelo uso do termo “comunidade” parece querer levar a favela a um ideal de harmonia e de tradição:

Assim, as lideranças locais de favelas podem se dirigir a agentes do Estado para falar da “nossa comunidade” e de seus problemas. No mesmo diapasão, as autoridades políticas podem mencionar seu compromisso com alguns projetos que pretendem desenvolver na “comunidade”. Os mesmos procedimentos são acionados por associações locais e ongs. Não é preciso mencionar o quanto este termo

é empregado em momentos de conagração como o carnaval, no qual as “comunidades” desfilam, aplaudidas pelas autoridades e pela “boa sociedade” carioca. (BIRMAN, 2008, p. 108)

Fernandes (2018) reforça que

existe uma vida comunitária na favela, mas favela é favela! Favela só deixa de ser favela quando tudo que é inerente à cidadania de quem vive no bairro de Ipanema é exatamente igual ao cidadão de Vigário Geral ou do Vidigal. Comunidade é um termo utilizado pela grande mídia e pelas elites, creio eu, com o propósito de esconder justamente as desigualdades sociais desses lugares pobres (...). (FERNANDES, 2018, p. 94)

E, portanto, apesar da vida comunitária, “a favela apresenta sinais evidentes de heterogeneidade – em sua realidade física, espacial e social – a tal ponto de se tornar impossível alinhá-las em uma categoria única e distinta” (VALLADARES, 2005, p. 157). Na favela há coexistência de vários tipos de demanda, recusa, alianças e conflitos internos, “nos quais o Estado pode ser “amigo” ou “inimigo” em função dos interesses em jogo” (VALLADARES, 2005, p. 135), ao que Gonzalez (2022) argumenta, “é um pensamento ingênuo acreditar na total proteção e acolhimento de uma instituição governamental sem a exigência de nenhuma contrapartida ou consequência” (GONSALEZ, 2022, p. 25).

Como visto ao se perpassar o contexto histórico de desenvolvimento das favelas, a cidade do Rio de Janeiro constatou, nos anos 1990, um aumento considerável de seus índices de violência. “Assassinatos, roubos, assaltos, sequestros, arrastões nas praias, brigas de jovens em bailes funk e confrontos armados entre quadrilhas rivais ou entre estas e a polícia ganharam as ruas de forma inusitada” (...) (LEITE, 2000, p. 74). Presumia-se que o Rio era uma cidade em guerra, que opunha o morro e o asfalto, o favelado e os cidadãos (LEITE, 2000, p. 75). A violência policial nos territórios dos grupos estigmatizados era vista de forma passiva pela sociedade que aceitava o extermínio de grupos como estratégia de vitória, “diversas violações dos direitos civis, noticiadas pela imprensa, foram toleradas por parte significativa de moradores da cidade” (LEITE, 2000, p. 79), ainda que tais ações não refletissem reduções das práticas criminosas.

Se as camadas mais abastadas temem a possibilidade de sequestros e as camadas médias traduzem a violência pelas balas perdidas, assaltos, *trombadinhas* e *pivetes* (sic), os favelados com frequência experimentam a violência do poder despótico do narcotraficante *dono do morro* (sic) e das incursões policiais às favelas, com tiroteios que não poupam os moradores (...). (LEITE, 2000, p. 80)

E é na narrativa sobre a violência que o jornalismo convencional, majoritariamente, aborda a favela. Em 2018, o Observatório Mídia do projeto Mídia e Favela apresentou uma análise de repercussões a respeito da favela em grandes veículos de comunicação na cidade do Rio de Janeiro, entre eles, os jornais O Globo e Meia Hora. Na análise, observa-se que os assuntos predominantes são: violência, criminalidade e drogas, representando 47% das notícias, contra 3% referentes a questões de cultura e entretenimento, por exemplo. “Cria-se uma interpretação diretamente ligada à forma negativa com que essas comunidades são narradas nos grandes setores de comunicação, podendo anular ainda a existência de manifestações artísticas e culturais deste território” (BRENO, 2018, p.1). E Breno (2008) ressalta, que ao se representar o risco nas grandes cidades, é sobre a classe dos pobres, seus crimes e locais de moradia, que se constroem os discursos midiáticos.

Contudo, ainda enquanto Morro da Favela, já se atribuí a este território o fardo de abrigar as “classes perigosas”, narrativa sustentada pela imprensa desde a primeira década do século XX. E ainda que as produções intelectuais, através das crônicas publicadas em jornais, ressaltassem as ideias de originalidade da população que nela abrigava, atribuí-se comumente à favela valores que negavam a civilização, banhados de um influxo bárbaro ou, no mínimo, pitoresco (MATTOS, 2015, p. 43). O tom comumente atribuído a esses territórios é exposto no recorte de uma publicação feita pelo Correio da Manhã em 05 de junho de 1909, conforme descreve, literalmente, Mattos (2015):

[Favela] é o lugar onde reside a maior parte dos valentes da nossa terra, e que, exatamente por isso – por ser o esconderijo da gente disposta a matar, por qualquer motivo, ou, até mesmo, sem motivo algum -, não tem o menor respeito ao Código Penal nem à Polícia, que também, honra lhe seja feita, não vai lá, senão nos grandes dias do endemoninhado vilarejo. (apud MATTOS, 2015, p. 46)

Ainda no final do século XIX, e mais fortemente ao longo do século XX, surgiram as publicações alternativas à mídia convencional, o que cresce com os fenômenos sociais que sinalizavam mudanças, tais como as lutas pela independência na América Latina, a abolição da escravatura, o processo de industrialização, o êxodo rural, entre outros. Períodos marcados, sobretudo, “pelo

domínio das elites, pelo conservadorismo e pela visão de que as questões sociais eram coisa de anarquistas, um tema para a polícia resolver” (GONSALEZ, 2022, p. 43). Entretanto, todos estes fenômenos contribuíram para a formação de uma comunicação alternativa, dando origem, assim, aos periódicos ligados aos movimentos sociais e às minorias.

Entre os anos 1920 e 1930, intensos movimentos migratórios provocaram o inchaço nas metrópoles do Rio de Janeiro e São Paulo. Grande parte dos migrantes era formada por famílias de ex-escravizados e seus descendentes. “O resultado foi a segregação racial, social e de espaços nas capitais” (GONSALEZ, 2022, p. 44). Todavia, ainda que diante de um cenário desalentador,

as comunidades de afrodescendentes conseguiram produzir, antes e após a abolição da escravatura, jornais, circulares e panfletos que se enquadram dentro da comunicação comunitária por serem produzidos por e para membros dessa comunidade, tratando de assuntos e vieses jornalísticos que atendiam exclusivamente aos interesses desse recorte da população. (GONSALEZ, 2022, p. 45)

A imprensa negra, como fora classificada, abordava assuntos sobre conscientização política e econômica do negro, e se encarregava de divulgar eventos como festas, bailes, concursos de poesia e beleza, assuntos que, referidos para tal grupo, não encontrava espaço na grande imprensa. Esses meios de comunicação, no entanto, foram duramente coibidos na Era Vargas. Contudo, a imprensa alternativa ganha impulso durante o regime militar no Brasil, produzindo uma comunicação popular não alinhada aos “grandes jornais [que] eram coniventes às versões oficiais do governo por opção político-ideológica, ou pelo medo, sob o peso da ditadura” (GONSALEZ, 2022, p. 59).

Conforme descreve Leite (2000), a partir da segunda metade da década de 1990, se intensifica uma corrente de pacificação com múltiplos projetos sendo desenvolvidos, voltados para a juventude das favelas e periferias. As associações da sociedade civil “não recusam por princípio a mediação estatal, mas nela raramente encontram inspiração, vigor e impulso original” (LEITE, 2000, p. 84). No entanto, assim como já mencionado e ainda segundo Valladares (2005), já existiam

ações similares promovidas pela Fundação Leão XIII<sup>14</sup>, desde a década de 1960, assim como de associações de moradores que “invocavam a prática do mutirão para demonstrar aos políticos e aos poderes públicos que as favelas poderiam participar ativamente de qualquer ação impulsionada por uma ajuda externa” (VALLADARES, 2005, p. 110). Verifica-se, segundo Silva e Leite (2008), que:

O papel de mediador entre o "asfalto" (mais especificamente as agências governamentais) e as favelas têm sido desempenhado por algumas figuras públicas, mas em especial pelas ONGs, tanto ao estabelecerem uma ponte direta com órgãos governamentais quanto por meio dos "projetos sociais" que patrocinam, autônomos ou em "parceria" com agências do governo ou organizações internacionais. (SILVA; LEITE, 2008, p. 59)

Dessa forma, a comunicação popular representa um meio alternativo de se fazer comunicação e tem sua origem nos próprios movimentos sociais.

Dentre as principais premissas dos movimentos populares até hoje estão a promoção do desenvolvimento educativo-cultural dos cidadãos, a contribuição para a preservação ou recuperação do meio ambiente; além de assegurar os direitos de cidadania e participação política na sociedade, incluindo o direito à comunicação. (GONSALEZ, 2022, p. 62)

Como consequência da intensificação do surgimento dos movimentos sociais, a partir dos anos 1990, fortalecessem-se as produções das mídias alternativas.

Os movimentos populares começaram a marcar presença no noticiário diário e questões que antes eram ignoradas, ou mal ganhavam destaque - como reforma agrária, moradores em situação de rua, direitos e manifestações da comunidade LGBTQIAP+, ocupações populares -, hoje fazem parte do cotidiano da cobertura midiática. (GONSALEZ, 2022, p. 63)

Malgrado todo processo de desqualificação a que essa população foi submetida, é importante destacar o quanto a favela se tornou um qualificado laboratório de incubação de negócios, pois, segundo Meirelles e Athayde (2014), desenvolveu habilidades para a produção e comércio e se configurou como um fenômeno de metamorfose: “Se compusessem um estado, as favelas seriam o quinto mais populoso da federação, capaz de movimentar 63 bilhões de reais a cada ano” (MEIRELLES; ATHAYDE, 2014, p. 28).

---

<sup>14</sup> A Fundação Leão XIII é vinculada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos (SEDSODH) e tem como finalidade dar assistência a grupos populacionais de baixa renda. Disponível em: [http://www.leao.rj.gov.br/quem\\_somos.asp](http://www.leao.rj.gov.br/quem_somos.asp). Acesso em: 26/03/2023.

Meirelles<sup>15</sup> e Athayde<sup>16</sup> (2014), na obra por ora referenciada, demonstram o resultado surpreendente da Radiografia das Favelas Brasileiras, “se adotarmos como baliza de conhecimento o estereótipo midiático, em que os moradores de comunidades, de modo invariável, figuram como miseráveis, incultos, indolentes e bárbaros” (MEIRELLES; ATHAYDE, 2014, p. 29). O estudo, realizado em 2013, analisou 63 favelas em dez regiões do Brasil, e retratou “uma favela muito menos pobre do que se imaginava, mais conectada e ansiosa por completar processos de inclusão social e econômica” (MEIRELLES; ATHAYDE, 2014, p. 29). Em 2023, o IBGE realiza em parceria com o Instituto Data Favela e a Central Única das Favelas (CuFa) a ação “Favela no Mapa”, objetivando reduzir o percentual de domicílios que não responderam à operação censitária em comunidades<sup>17</sup>.

A atuação criativa de coletivos, portanto, pauta-se nas diversas demandas da favela e através de projetos elaborados com os moradores, mantem o legado do senso de comunidade, enquanto grupo que compartilha, apesar de muitas diferenças, uma determinada história, a de crescer sob o olhar preconceituoso da sociedade, e com um objetivo em comum, o de sobreviver. “As ações de alguns movimentos sociais foram aos poucos permeando a programação da imprensa tradicional, nem sempre retratadas em tons favoráveis, diga-se, mas ao menos abriu-se uma agenda de interesse legítimo por essas notícias” (GONSALEZ, 2022, p. 63).

Passados mais de 125 anos de favela da Providência, Hugo Oliveira, um dos idealizadores do coletivo SOS Providência, destaca que é através da tecnologia do “nós por nós” (RBA, 2020), que a população enfrenta os desafios de se viver nesses territórios. O SOS Providência<sup>18</sup>, um dos projetos destacados no livro-reportagem aqui proposto, surgiu, por exemplo, em caráter de emergência, em virtude do avanço da pandemia de COVID-19 no Rio de Janeiro, em 2020.

---

<sup>15</sup> Renato Meirelles é fundador do Instituto Data Favela, primeiro instituto de pesquisa focado na realidade das favelas brasileiras. Disponível em: <https://www.renatomeirelles.com/>. Acesso em: 02/04/2023.

<sup>16</sup> Celso Athayde é fundador da Central Única das Favelas (CUFA). Disponível em: <https://www.cufa.org.br/>. Acesso em: 02/04/2023.

<sup>17</sup> Informação divulgada pela CUFA. Disponível em: <https://www.cufa.org.br/ibge-data-favela-e-cufa-fazem-acao-favela-no-mapa-para-coletar-dados-para-o-censo/>. Acesso em: 03/04/2023.

<sup>18</sup> SOS Providência é a designação dada ao comitê de emergências formado por projetos e moradores atuantes no Morro da Providência e Região Portuária. Disponível em: <https://sosprovidencia.org/>. Acesso em: 16/03/2023.

No entanto, vale a ponderação de que, ainda que o terceiro setor da economia, que são movimentos sociais, ONGs, sindicatos, entre outros, tenha papel essencial no zelo pela favela, o que foi nos anos de pandemia a salvação de milhares de famílias (ATHAYDE, 2022), por exemplo, ele não é capaz de atender a toda a demanda desses territórios. Athayde (2022) propõe, assim, uma reflexão sobre um novo conceito, que liberte os favelados da culpa pelo próprio desenvolvimento. “Essa atitude sempre esteve asfixiada em nossas cabeças, como um mantra” (ATHAYDE, 2022). Dessa forma, ele idealiza um quarto setor da economia, que entenderia a economia da favela sob um olhar capitalista, até que se torne um modelo formal, e o lucro para essa população deixe de ser uma dor, e a favela possa, então, ser lida como potência que é.

## 4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto jornalístico aqui proposto é o livro-reportagem intitulado “Providências: um panorama sobre a ação de coletivos na primeira favela do Rio de Janeiro”<sup>19</sup> que será apresentado no formato de livro digital.

Foram selecionados cinco projetos desenvolvidos no Morro da Providência para compor a narrativa principal - em um universo de pelo menos dezenove projetos que se encontram em andamento neste território. São eles: SOS Providência<sup>20</sup>, Galeria Providência<sup>21</sup>, Rolé dos Favelados<sup>22</sup>, Pré-vestibular Machado de Assis<sup>23</sup> e Providência Agroecológica<sup>24</sup>. Os projetos foram selecionados por meio da análise de suas abrangências frente a aspectos essenciais ao desenvolvimento sociocultural da população da favela, tais como assistencialismo, arte, cotidiano da favela, educação, consciência ecológica e cultura. A escolha se deu a partir de visitas da autora deste relatório monográfico à favela da Providência e consequente acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos nos respectivos projetos através das redes sociais.

O produto está estruturado a partir da seguinte divisão em capítulos: Apresentação; I. A favela e o coletivo; II. “Nós por nós”; III. Galeria a céu aberto; IV. Vamos dar um rolé?; V. Educação libertária; VI. Semente do amanhã.

O capítulo Apresentação, com descrição autoexplicativa, expõe a proposta do livro, os objetivos, o contexto da escolha temática e demais considerações pessoais da autora acerca da produção do livro-reportagem.

O capítulo I - A favela e o coletivo - apresenta uma contextualização do histórico da favela do Morro da Providência, destacando o trabalho realizado por diferentes coletivos que se formaram ao longo dos anos. Neste capítulo, é apresentado o perfil de Maurício Hora, que, enquanto morador do Morro da Providência, tem participação ativa em diversas frentes em prol da comunidade.

<sup>19</sup> [https://drive.google.com/file/d/1JNtK0hx-jdzaodjhF2wOLkrnkQ5dTfOm/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1JNtK0hx-jdzaodjhF2wOLkrnkQ5dTfOm/view?usp=drive_link). Acesso em: 22/08/2023.

<sup>20</sup> <https://www.instagram.com/sos.providencia/> Acesso em: 26/03/2023.

<sup>21</sup> <https://www.instagram.com/galeriaprovidencia/> Acesso em: 26/03/2023.

<sup>22</sup> <https://www.instagram.com/roledosfavelados/> Acesso em: 26/03/2023.

<sup>23</sup> [https://www.instagram.com/prevestibular\\_machadodeassis/](https://www.instagram.com/prevestibular_machadodeassis/) Acesso em: 26/03/2023.

<sup>24</sup> [https://www.instagram.com/providencia\\_agroecologica/](https://www.instagram.com/providencia_agroecologica/) Acesso em: 14/06/2023.

O capítulo II - Nós por nós - descreve a história do coletivo SOS Providência e Região Portuária, instituído em caráter de emergência, para amparar a população da favela da Providência e região adjacente, no auge da pandemia de COVID-19.

O capítulo III - Galeria a céu aberto - apresenta a história do projeto Galeria Providência, que, através de práticas que valorizam a cultura local, expõe uma imagem distante do que o imaginário social tem a respeito daquilo que se pode encontrar pelas ruas de uma favela, além de realizar atividades e projetos com fins de desenvolvimento cultural da população que nela habita.

O capítulo IV - Vamos dar um rolê? - conta a história do projeto Rolê dos Favelados, que consiste em um guiamento pela favela, trazendo importantes reflexões para o grupo participante e para a própria comunidade a respeito do que é favela, do que é ser favelado e das relações que a favela tem com a cidade.

O capítulo V - Educação libertária - apresenta a história do projeto Pré-vestibular comunitário Machado de Assis, no qual professores voluntários se organizam com a proposta de ampliar os horizontes de jovens e adultos que objetivam ingressar em cursos de graduação, contribuindo por um desenvolvimento integral dos alunos no aspecto sociocultural.

Por fim, o capítulo VI - Semente do amanhã - descreve a história do projeto Providência Agroecológica que se dedica a uma proposta de agroecologia no Morro da Providência, trabalhando a educação ambiental com crianças e famílias da região.

A história de cada um dos projetos selecionados está vinculada à própria história dos líderes à frente destes projetos e dos personagens que, de alguma forma, se relacionam com eles. A narrativa apresenta o perfil destes personagens, apegando-se aos detalhes desde à motivação para colocar em prática o projeto social, bem como ao processo de atuação, dificuldades encontradas, conquistas e realizações. Para cada projeto apresentado, constam uma sequência de registros fotográficos que ilustram a atuação na comunidade.

Toda a produção tem como referencial o apontamento de Pena (2006), ao destacar traços básicos do jornalismo literário a ser reproduzido em um livro-reportagem, tais como “imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informação, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão

e humanização” (PENA, 2006, p. 105), sobretudo ampliando a cobertura para além do que se alcança através do jornalismo praticado em periódicos.

A seguir, são definidas as três etapas do processo de desenvolvimento do produto: pré-produção, produção e pós-produção.

## 5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Adotando os preceitos do jornalismo interpretativo na construção da narrativa do livro-reportagem, intitulado “Providências: um panorama sobre a ação de coletivos na primeira favela do Rio de Janeiro”, a autora sustenta-se em pesquisas bibliográficas para a contextualização histórica de ocupação do Morro da Providência na cidade do Rio de Janeiro/RJ, visto que um produto jornalístico dessa natureza deve ser muito mais que informativo, pois, segundo Santos e Oliveira (2004, p. 6) referenciando os apontamentos de Cremilda Medina, “às respostas clássicas do texto informativo, somam-se questões como: em que contexto, com que raízes e com que envolvimento humano”.

Através de buscas em livrarias virtuais, bibliotecas públicas, sites oficiais do poder público, blogs e acervo de reportagens, foram estabelecidas conexões para identificar importantes fontes de pesquisa acerca do processo de favelização da cidade do Rio de Janeiro. Na pesquisa bibliográfica, identificou-se uma boa variedade de títulos que abordam a temática em questão.

Foram realizadas pesquisas em catálogos de livrarias on-line, tais como Amazon, Estante Virtual, Livraria Cultura, Saraiva e Travessa, utilizando as palavras-chaves: “favelas do Rio de Janeiro”, “Morro da Providência” e “política de remoção”, ao que se somou pesquisas em livrarias físicas, sebos e bibliotecas públicas. Dentre esses títulos destacam-se Valladares (2005), cujos estudos repercutem como referência em inúmeras produções acadêmicas que remetem a essa temática, e o catálogo de 224 páginas da exposição “Do Valongo à Favela: imaginário e periferia”<sup>25</sup> - apresentada pelo Museu de Arte do Rio.

---

<sup>25</sup> A exposição “Do Valongo à Favela: imaginário e periferia” ficou em cartaz no período de 10 de maio de 2014 a 10 de maio de 2015.

Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/publicacoes/do-valongo-a-favela-imaginario-e-periferia/>. Acesso em: 31/03/2023.

Somados ao contexto de favelização do espaço urbano, outras questões foram analisadas, entre elas o próprio caráter do racismo estrutural e sua estreita relação com o surgimento da favela, analisando em diversos aspectos suas consequências. Bem como, foi imprescindível buscar referências para compreensão do poder de resistência da população da favela, apesar de toda campanha política e social, por vezes diretas, outras indiretas, para se firmar o estigma de que a favela seria tão somente um mal a ser combatido, ainda que sem apresentar alguma solução habitacional e social razoáveis para integrar os marginalizados aos “padrões” urbanos perseguidos. Nessas análises, foram fundamentais as leituras complementares dos títulos de Birman (2008), Meirelles e Athayde (2014), Mattos (2015) e Gonzalez e Hasenbalg (2022).

Na complexidade de uma pesquisa cuja temática relaciona-se com o campo social, vale ressaltar, conforme Medeiros (2013) ao citar Giddens:

Diferentemente dos objetos da natureza, os humanos são seres autoconscientes, que conferem sentido e propósito ao que fazem. Não podemos sequer descrever a vida social com precisão a menos que primeiro compreendamos os conceitos que as pessoas aplicam ao seu comportamento [...]. Existe ainda outra razão que diferencia o estudo da sociedade do estudo do mundo natural. Estamos constantemente criando e recriando as sociedades em que vivemos por meio de nossas próprias ações. A sociedade não é uma entidade estática ou imutável. (GIDDENS, 2005, p. 510 apud MEDEIROS, 2013, p. 21)

Dando continuidade ao processo de investigação, se fez necessária a realização de pesquisas documentais e pesquisas de campo. E tendo o produto a ser desenvolvido um caráter jornalístico, foi aplicado um processo de concepção normatizado, o que envolveu construção de pautas, seleção de fontes, agendamentos de entrevistas e checagem das informações apresentadas pelas fontes, pois, conforme enfatiza Belo (2006), “No livro, a reportagem continua sendo reportagem, seguindo as mesmas fórmulas adotadas em outros veículos. As mudanças são meras adaptações ao meio. Mas com um ingrediente a mais: intensidade” (BELO, 2006, p. 72).

A partir de um planejamento, contemplando os objetivos a serem perseguidos, foram programadas visitas aos núcleos onde atuam os coletivos selecionados, com a finalidade de identificação das principais demandas e desafios cotidianos. Foram conduzidas uma série de entrevistas com os representantes de cada projeto, identificando informações detalhadas sobre como cada um desses

grupos se formou e como seguem atuando frente às dificuldades. Para cada história dos projetos a serem apresentados, foram escolhidos, ao menos, dois personagens centrais, no que se dará a construção da narrativa com base nos depoimentos e entrevistas realizadas. Antes da entrevista com os representantes destes projetos, foi feito um processo de identificação do perfil do entrevistado e sua atuação no Morro da Providência, também por meio das redes sociais e informações disponíveis na Internet.

Tendo em vista ser a intensidade um ingrediente primordial na construção de um livro-reportagem (BELO, 2006), entende-se que tal característica consiste em não só apurar com mais profundidade, conectando o maior número de acontecimentos possíveis, a fim de explicar a história com riqueza de detalhes, mas também garantir “a intensidade de edição, de modo a tornar o texto ao mesmo tempo informativo, denso, linear, correto, agradável e sobretudo completo” (BELO, 2006, pp. 72). Tal intensidade deve, essencialmente, sustentar-se na ética jornalística indispensável a qualquer produção, pois,

No jornalismo, a ética é mais que rótulo, que acessório. No exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção do trabalho. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 13)

Portanto, o comprometimento ético é tão fundamental quanto executar todas as etapas de produção de notícia com precisão e correção.

## 5.2 PRODUÇÃO

Definidos os projetos sociais a serem abordados na narrativa do livro-reportagem aqui proposto, deu-se início à atuação das etapas do planejamento para pesquisas a respeito destas iniciativas, bem como à execução das entrevistas com os respectivos líderes.

Cada projeto social selecionado foi analisado por meio das mídias de comunicação dispostas na Internet: redes sociais, jornais digitais, videodocumentários disponíveis no Youtube, entre outros registros.

As entrevistas partiram sempre da definição de algumas perguntas básicas, porém, essenciais para o desdobramento da história. Era primordial manter a espontaneidade do entrevistado e assim, a partir das respostas dadas, surgiam

outros questionamentos, direcionando a entrevista. As conversas foram gravadas em áudio, para posterior decupagem e construção dos textos e diálogos. Os encontros para execução das entrevistas aconteceram em diferentes locais da cidade do Rio de Janeiro, atendendo à disponibilidade apresentada por cada um dos entrevistados.

Nas visitas aos núcleos de cada projeto, foram realizados registros fotográficos, com a finalidade de ilustração para o livro, considerando que, “Cada imagem é análoga à situação que registra, e se tomarmos essas imagens como elementos para a construção de um discurso, não há dúvida de que são signos dotados de motivação” (LAGE, 1987, p. 6).

Para a construção do capítulo A favela e o coletivo, foram realizadas além das pesquisas bibliográficas, uma série de entrevistas com o fotógrafo Maurício Hora, no qual foram compartilhadas histórias de diferentes iniciativas que se deram no Morro da Providência e região de entorno. Hora tem grande importância para a comunidade, sendo reconhecido como o fotógrafo da Providência, o qual disponibilizou, para uso na edição do livro-reportagem, registros fotográficos de sua autoria, realizados ao longo dos anos, que evidenciam algumas das ações promovidas.

Em relação ao projeto SOS Providência e Região Portuária, atualmente já encerrado, tendo as atuações do coletivo se dado exclusivamente durante o período de emergência sanitária causada pela pandemia de COVID-19, além das entrevistas com o líder Hugo Oliveira, foi possível fazer uma análise das estatísticas apresentadas, associando ao material a respeito, disposto nas mídias sociais. Os registros fotográficos foram disponibilizados por Oliveira.

Foram feitas visitas à sede do Galeria Providência, a qual servia inicialmente como sede do projeto SOS Providência e Região Portuária. Nestas ocasiões, a autora pôde testemunhar a participação da comunidade em diferentes atividades: aulas do curso pré-vestibular, oficinas de dança, cursos de empreendedorismo, recreação com crianças, entre outras, além da própria movimentação no escritório, em reuniões com representantes de instituições culturais da cidade. A autora fez uma caminhada com Fernando Ferreira, um dos integrantes da equipe do Galeria Providência, pelas ladeiras que sofreram intervenções do projeto, para título de

reconhecimento das artes produzidas e realização de registros fotográficos. Foi possível evidenciar os grafites, produzidos em diferentes ocasiões, por várias ruas do morro. A maior parte das artes produzidas há alguns anos ainda estão conservadas, tendo sofrido o desgaste natural do tempo e efeito da chuva, mas percebe-se que, da parte dos moradores, há um interesse pela conservação. A equipe do Galeria Providência também disponibilizou registros fotográficos do acervo próprio que evidenciam edições promovidas em anos anteriores.

Em relação ao Rolé dos Favelados, a autora participou de pelo menos cinco guiamentos promovidos por Cosme Felippsen, em que se faziam também registros fotográficos para ilustrar o capítulo a respeito do projeto. A cada visita, basicamente, o guia apresenta os mesmos apontamentos, variando um ponto ou outro, pois os participantes levantam questões diferenciadas, as quais são respondidas pelo guia. Há uma variedade na formação destes grupos, tendo a autora, presenciado grupos formados por profissionais de diversas categorias e áreas de conhecimento, pesquisadores, estudantes, aposentados, entre outros. Há também variedade de faixa etária de participantes e uma mesclagem de turistas nacionais e estrangeiros. A autora participou de guiamentos programados para o turno da manhã que culminaram com o horário de almoço, em que se indicou ao grupo fazer a refeição no Bar da Jura, sobre o qual se faz referência no livro-reportagem. Bem como, a autora participou de um guiamento programado para o turno da tarde, sendo este finalizado no período da noite.

Um dos pontos fortes do guiamento, é o momento em que Felippsen faz uma reflexão a respeito do conceito de favela. Todo o grupo é incentivado a compartilhar opiniões, inclusive moradores que estejam transitando pelo local.

Com a finalidade de verificar a opinião dos participantes da programação promovida por Felippsen, foi definida uma pesquisa de opinião. A pesquisa se deu por meio de um questionário digital, apresentado aos participantes no encerramento do circuito. A seguir, as perguntas que formaram o questionário:

Tabela 1: QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE O ROLÉ DOS FAVELADOS

| <b>Questões</b>          | <b>Possibilidades de Respostas</b> |
|--------------------------|------------------------------------|
| Qual sua idade?          | Livre                              |
| Em que cidade você mora? | Livre                              |

|                                                                     |                                                           |
|---------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------|
| Em qual bairro você mora?                                           | Livre                                                     |
| Você é morador de favela?                                           | Sim / Não / Já fui, mas atualmente não                    |
| Você já havia visitado uma favela?                                  | Sim, sou morador /<br>Sim, mas não sou morador /<br>Nunca |
| Como você imaginava que seria a favela?                             | Livre                                                     |
| Que aspectos mais surpreenderam você no Morro da Providência?       | Livre                                                     |
| Sua percepção de favela mudou depois dessa visita?                  | Sim, para melhor / Sim, para pior /<br>Não mudou          |
| Qual a sua percepção hoje a respeito da favela?                     | Livre                                                     |
| Você indicará a programa do Rolé dos Favelados para outras pessoas? | Sim / Não                                                 |

O questionário foi estruturado em um formulário digital, e entregue por meio de um link compartilhado com o grupo em um aplicativo de mensagens instantâneas. A participação na pesquisa se deu de forma voluntária e anônima.

Foram ao todo 51 participantes, tendo a idade de 32 anos como a média das idades informadas, sendo 16 anos a menor idade declarada e 61 a maior. A maioria se declarou como morador da cidade do Rio de Janeiro (74,6%), ficando a cidade de São Paulo em 2º. lugar, com 11,8%.

Figura 1: Gráfico de Pizza – Resultado da Pesquisa sobre o Rolé dos Favelados

Você é morador de favela?  
51 respostas

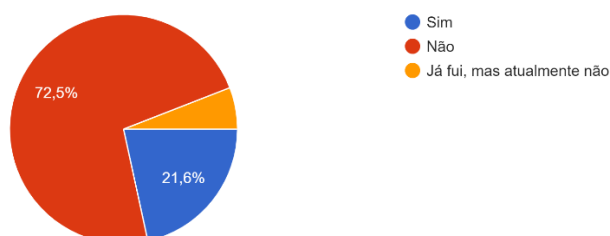
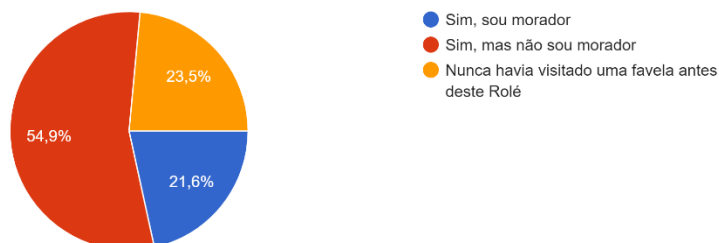


Figura 2: Gráfico de Pizza – Resultado da Pesquisa sobre o Rolé dos Favelados

Você já havia visitado uma favela?

51 respostas



Sobre o questionamento a respeito de como imaginavam a favela antes de visitá-la, foram dadas respostas tais quais:

- “mais hostil”;
- “com falta de saneamento básico, casas de madeira e tijolo, construções mal acabadas”;
- “um lugar violento e muito pobre”;
- “casas sem planejamento, falta de urbanismo”;
- “um lugar perigoso”; e
- “um espaço de exclusão, pobreza e violência”.

Sobre os aspectos que mais surpreenderam na visita, destacam-se as respostas:

- “a tranquilidade”;
- “um sentimento família”;
- “a vista”;
- “a importância histórica desse lugar, a receptividade dos moradores e a limpeza das áreas visitadas”;
- “o ambiente acolhedor”;
- “tem suas vielas mais amplas do que imaginei. Em outras favelas que eu fui as vielas eram quase claustrofóbicas”;
- “Morro da Providência é extremamente limpo e sem pichações (diferente de grafites). Achei linda e muito bem organizada por quem quer que seja que tome conta”; e

- “Os grafites nas paredes me remeteram a Valparaíso. A Providência mostrou ter artistas excelentes”.

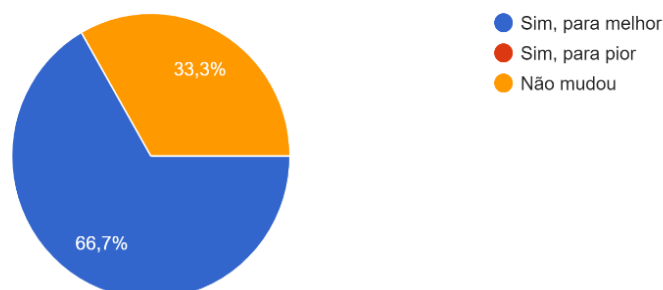
Sobre a percepção após a visita, destacam-se as respostas:

- “um lugar muito rico em cultura”;
- “Todas as comunidades têm muita carência ainda mais sobre os princípios básicos como saneamento e coleta de lixo”;
- “É um local acolhedor, com pessoas trabalhadoras”;
- “que existe uma rede de proteção entre moradores, a pessoa se importa com o outro, um ambiente hostil, mais acolhedor, coisa que não vejo onde moro, pois nem meus vizinhos de porta eu conheço, no máximo um bom dia, no elevador”;
- “A minha percepção de favela hoje é a mesma de sempre. Afora o fato das mazelas com as quais os moradores precisam conviver, que 100% são oriundas da ausência do poder estatal em necessidades básicas, a favela é um lugar de amor, companheirismo, orgulho de origens”;
- “É preciso valorizar os saberes que possuímos dentro do território”;
- “Foi uma quebra de estereótipos que eu tinha sobre os morros, lá senti uma *vibe* acolhedora e confraternizante, que o Morro é resultado de um descaso intencional dos governantes, mas ao mesmo tempo é um local de resistência e que carrega muita história!”;
- “Lugar de trabalhadores coagidos pelo Estado e pela criminalidade do tráfico”;
- “São espaços de resistência e que guardam muitas histórias invisibilizadas. Também percebi que podem existir diferentes formas de compreender a favela, que vão muito além do estereótipo da tipologia das casas”;
- “Um local de pessoas sofridas e talvez por isso, são pessoas melhores que o condomínio de classe média em que moro”;
- “Acho que devemos nos permitir conhecer, antes de reproduzir as coisas que escutamos”.

Figura 3: Gráfico de Pizza – Resultado da Pesquisa sobre o Rolé dos Favelados

Sua percepção de favela mudou depois dessa visita?

51 respostas



Conforme demonstra a Figura 3, do total de visitantes, 66,7% declararam que mudaram suas percepções sobre a favela. Verificou-se, por fim, que 98% dos participantes declararam indicar o Rolé dos Favelados para amigos.

O resultado da pesquisa pode ser verificado no formulário disponível na Internet<sup>26</sup>.

A respeito do Pré-vestibular Machado de Assis, o primeiro contato com a história do projeto se deu por meio da leitura da dissertação escrita pelo professor Guilherme Xavier de Santana<sup>27</sup> à título de mestrado em Educação pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). O material foi disponibilizado por tratar-se de um estudo de caso sobre o Grupo de Educação Popular (GEP) que deu origem ao pré-vestibular em questão.

Foi realizada uma visita ao novo espaço ocupado pelo curso desde o início de 2023 - uma sala cedida pelo projeto social Impacto das Cores, em um dos pontos mais altos do morro. Na ocasião da primeira visita, ainda se faziam reparos no espaço para que se desse o início das atividades. Nesse mesmo dia aconteceu uma reunião com os professores voluntários e foi possível acompanhar como se dá o processo de planejamento e definições das atividades a serem promovidas e o quanto todos os voluntários participam de cada etapa, desde a propaganda e

<sup>26</sup>

<https://docs.google.com/forms/d/1ityXmWHGWD6dINvdkLHqZenn7TdQ38BnA9egMKncFfs/edit#responses> . Acesso em 17/07/2023.

<sup>27</sup> <https://ppge.educacao.ufrj.br/dissertacoes2015/dguilhermexavier.pdf> Acesso em 01/06/2023.

divulgação, às inscrições dos alunos, limpeza do ambiente, e todas as demais tarefas relacionadas. A autora fez outras visitas ao projeto, presenciando a execução de atividades corriqueiras programadas pela equipe: aulas, palestras e encontros extraclasse. Além dos registros fotográficos realizados pela própria autora, a equipe disponibilizou registros de seu acervo.

Foram realizadas visitas ao espaço da escola Providência Agroecológica, no qual a autora pôde conferir a apresentação do projeto social para um grupo de visitantes que participavam de uma programação promovida pelo Museu do Amanhã, com a presença de crianças e familiares que vivem realidades bem distintas da realidade de uma favela. Uma curiosidade a esse respeito, foi que, entre os visitantes, havia uma criança comemorando aniversário e cujo pedido à família para este dia havia sido conhecer uma favela com seus amigos, e assim eles estavam em maioria no grupo. Na ocasião, toda a estrutura da escola foi apresentada para os visitantes que fizeram uma imersão, oportunizando importantes reflexões, inclusive. Dias após essa experiência, sucederam-se uma série de atividades promovidas pelo mesmo museu, em virtude da semana do Meio Ambiente. A autora foi convidada para participar de uma dessas atividades, em que representantes do projeto Providência Agroecológica promoveram uma oficina de plantio para visitantes do espaço cultural. O evento ocorreu em um dia de domingo e um grupo, composto por adultos e crianças, participou como ouvinte, mas, também, dialogando a respeito da importância das plantas e seus inúmeros usos, formas de cuidado, estratégias para plantios eficazes, entre outras questões. O evento se encerrou com o plantio de mudas, na horta mantida pelo Museu do Amanhã, em que crianças do Morro da Providência, incluídas no projeto social, auxiliaram as demais crianças e adultos a fazerem o plantio corretamente. A autora realizou registros fotográficos durante as atividades das quais participou e contou com a disponibilização de registros do acervo que a equipe mantém.

No levantamento das histórias apresentadas por cada líder, foi possível identificar uma pessoa que responderia pela relação com o projeto enquanto beneficiado. Dessa forma, estas pessoas foram prontamente contactadas para a realização de entrevistas.

Todo capítulo expõe a história de um projeto específico relacionada com as respectivas histórias de seus líderes e beneficiados, com exceção dos capítulos Apresentação – no qual se identifica a ideia central do livro-reportagem - e A Favela e o Coletivo - que contextualiza o surgimento da favela no Morro da Providência e no qual Maurício Hora, fotógrafo e morador da comunidade, traça um panorama sobre diferentes projetos que observou ou participou diretamente ao longo de sua vivência na favela em questão.

A tabela 2 apresenta a relação entre os projetos e personagens escolhidos para compor a narrativa do livro-reportagem.

Tabela 2: LISTA DE PERSONAGENS POR PROJETO SOCIAL

| <b>Projeto Social</b>              | <b>Personagens relacionados</b>            |
|------------------------------------|--------------------------------------------|
| SOS Providência e Região Portuária | Hugo Oliveira e Nancy Aguiar               |
| Galeria Providência                | Hugo Oliveira e Walison Santos de Oliveira |
| Rolé dos Favelados                 | Cosme Felippsen e Juraci Vilela            |
| Pré-vestibular Machado de Assis    | Guilherme Santana e Adriana Oliveira       |
| Providência Agroecológica          | Alessandra Roque e Maelene Silva de Souza  |

Além dos dois personagens principais, destacados em cada um dos capítulos, há a presença eventual de outros personagens no desenvolvimento da narrativa, identificados durante o processo de entrevistas com os líderes, cujas participações se fizeram necessárias.

Com base em apontamentos de Lima (2009), para o processo de construção do livro-reportagem, busca-se, no desenvolvimento da narrativa, combinar a documentação factual com a estilística necessária a este tipo de produto, objetivando atingir perfis diversos de consumidores de informação, realizando um papel de divulgação cultural e, até mesmo, educativo. Realiza-se, portanto, através do enredo apresentado, uma reflexão direta ou sugerida de um tema representativo de valores duradouros.

O passado transporta um sentido para o presente, há uma continuidade e a compreensão do presente significa retroceder, em certa instância, para encontrar no passado o sentido que fundamente essa compreensão. (LIMA, 2009, p. 270)

Foram adotados os seguintes aspectos para a construção da narrativa do livro-reportagem:

- Narração em 1ª. pessoa;
- Relato detalhado dos acontecimentos;
- Ponto de vista estabelecido, a partir do qual o leitor se dará conta dos acontecimentos, ora sob a perspectiva da autora, ora do personagem em questão;
- Eventual uso de metáforas;
- Fontes identificadas;
- Uso do discurso direto na fala dos personagens, transmitindo autenticidade e espontaneidade, em que se aplicam os sinais de pontuação - travessão, exclamação, interrogação, dois pontos e aspas; e
- Encadeamento de ações, com percepção dos aspectos psicológicos dos personagens, considerando essencial identificar, a respeito destes, seus sentimentos e ideias.

### 5.3 PÓS-PRODUÇÃO

Foi contratado o serviço de diagramação do livro-reportagem, com base em um padrão definido pela autora, resultando na construção do documento do tipo PDF a ser disponibilizado para leitura em diferentes meios digitais. Contudo, a diagramação, estruturada no tamanho A4, foi planejada para que futuramente o produto possa ser apresentado como produto físico, em uma versão impressa.

A capa foi produzida a partir de uma fotografia de uma das artes que ilustram as ladeiras do Morro da Providência.

Os capítulos seguem um mesmo esquema visual: são enumerados com algarismos romanos, apresentam uma foto para identificação imediata do contexto do projeto social em questão e um trecho de autoria de Machado de Assis – um ilustre morador do Morro da Providência, quando ainda chamado de Morro do Livramento -, tendo esta citação, de alguma forma, relação com a temática predominante no respectivo capítulo. A diagramação se baseia em um tema minimalista, priorizando a leitura e os

diálogos. Adotou-se, na paleta de cores neutras, a cor marrom em consonância com as fotografias que ilustram as práticas dos projetos sociais.

Em relação à tipografia escolhida, definiu-se a fonte Bookerly como fonte do corpo de texto, por tratar-se de um tipo indicado para leitura em meios eletrônicos, facilitando a distinção entre os caracteres e oferecendo uma leitura mais confortável. Na transcrição das falas dos personagens, aplicou-se, como recurso de destaque, o estilo itálico. E em subtítulos foi aplicado o estilo *Bold*.

Ao final de cada capítulo, apresenta-se uma sequência de registros fotográficos. Parte das fotografias foram feitas pela própria autora do livro, no entanto, como muitas das ações representadas aconteceram em anos anteriores a este desenvolvimento, foram incluídas fotografias do acervo dos projetos sociais, para as quais foram concedidas as respectivas autorizações para uso. Foi incluído, também ao final dos capítulos, o *QR Code* que fornece acesso à rede social do projeto.

A revisão textual do livro-reportagem foi realizada pelo Prof. Dr. Fabrício Nascimento Gaudêncio da UNIFAA<sup>28</sup>, com apoio de Andreia Antunes e Miguel Camelo, além da Profa. Dra. Karine Moura Vieira, orientadora deste trabalho de conclusão de curso.

---

<sup>28</sup> Centro Universitário de Valença - RJ

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento sobre o mundo e os relatos das pequenas e grandes ocorrências dos grupos sociais se diversificam na linha do tempo da civilização humana. A arte narrativa de se contar histórias existe desde que a humanidade se organizou socialmente, no entanto, quando se profissionaliza o jornalismo, as produções vão se configurando em gêneros, estilos e técnicas adequadas à finalidade comunicacional e ao próprio contexto social.

Dentre os estilos de produção jornalística, consolida-se o produto no estilo livro-reportagem, e, conforme enfatizado por Lima (2009), de todas as formas de comunicação profissional, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se aproxima do fazer literário. O produto livro-reportagem, contudo, preenche lacunas deixadas pelo jornalismo cotidiano - comprometido com amarras de uma produção industrial, em que se prima pelo máximo de informação possível no mínimo espaço e em um ritmo cada vez mais veloz. O periódico, assim, enfrenta a limitação inevitável da produção jornalística tradicional, consequentemente, apresentando um aspecto diminuto da realidade, o que a corrente do *New Journalism* buscou combater.

Com isso, o livro-reportagem se apresenta como um importante canal que permite buscar um significado mais amplo do real e oferece a possibilidade de produção de uma mensagem muito mais aprofundada, executada dentro de um projeto estético, sem, contudo, isentar-se do padrão jornalístico, cujos aspectos essenciais envolvem a exatidão e precisão das informações e a ética, permeando todas as etapas do exercício profissional.

Considerando, então, esses aspectos, optou-se pelo desenvolvimento de um produto no formato livro-reportagem, cuja temática relaciona-se com uma importante questão social, que, muito embora esteja presente no jornalismo cotidiano, é recortada para se adequar aos critérios de noticiabilidade. Inclusive, um fator impulsionador para esta escolha foi a autoria da matéria “A vida pelo coletivo nas favelas”<sup>29</sup>, para o jornal Marco Zero da Uninter. Na ocasião das

---

<sup>29</sup> Reportagem publicada na edição n. 71 do Jornal Marco Zero. Disponível em: <https://www.mediacaouninter.com.br/single-post/a-vida-pelo-coletivo-nas-favelas>. Acesso em: 17/03/2023.

entrevistas realizadas, era possível constatar uma gama de informações que urgiam por mais espaço nas mídias. Assim, tal escolha somou-se ao desejo de se registrar, de maneira mais aprofundada, uma visão da favela, e seu cotidiano, diferentemente do que se apresenta no jornalismo tradicional.

Por meio dos preceitos do jornalismo interpretativo, foram realizadas pesquisas bibliográficas que sustentam uma análise mais profunda do impacto do racismo estrutural na vida em favela. Sobretudo, somadas a estas pesquisas, foi essencial a realização de pesquisas de campo, para conhecer, com mais detalhes, a realidade da favela e o contexto de formação de coletivos e o desenvolvimento de projetos sociais, a que se seguiu a realização de uma série de entrevistas.

Ao jornalista, especialmente em uma jornada de construção dessa natureza, não cabe apenas observar passivamente o real. É preciso entrar em choque com o acontecimento e apreender-se do real com intensidade.

Assim sendo, este trabalho foi de grande valia para assimilação do processo que envolve a produção de uma grande reportagem a ser registrada no formato de livro, incluindo os aspectos da pós-produção. Outrossim, permitiu à autora ampliar sua consciência a respeito do papel do jornalismo, que é o de servir à sociedade como um todo, dando voz às pessoas, bem como valor às suas histórias.

## REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Celso. A economia das favelas: o quarto setor. **Exame**, ESG, 06/05/2022. Disponível em: <<https://exame.com/esg/a-economia-das-favelas-o-quarto-setor/>>. Acesso em: 30/03/2023.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1221/epub/0?code=u3Q66c760TWLiAUTWupkRhQxfh2/ybqSAz90REQsBXgeKgmWu1ZJWv+1EXG8K7QSELcra06au0CEYE+ltGqjA==>>. Acesso em: 28/02/2023.

BIRMAN, Patricia. Favela é comunidade?. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da (Org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas cariocas**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira/Faperj, 2008.

BRENO, Laerte. **Mídia e Favela: como se dá essa relação**. Voz das Comunidades. 2018. Disponível em: <<https://www.vozdascomunidades.com.br/favelas/opinioao-midia-e-favela-como-se-da-essa-relacao/#>>. Acesso em: 25/03/2023.

CARDOSO, Rafael. Do Valongo à favela: A primeira periferia do Brasil. In: DINIZ, Clarissa; CARDOSO, Rafael (Orgs.). **Do Valongo à Favela: Imaginário e periferia**. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2015.

CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário – uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/40828132/Gustavo\\_Castro\\_Jornalismo\\_Liter%C3%A1rio\\_uma\\_introdu%C3%A7%C3%A3o?email\\_work\\_card=thumbnail](https://www.academia.edu/40828132/Gustavo_Castro_Jornalismo_Liter%C3%A1rio_uma_introdu%C3%A7%C3%A3o?email_work_card=thumbnail)>. Acesso em: 30/05/2023.

CORAÇÃO, Claudio Rodrigues. **O jornalismo toma o “poder”**: New Journalism, Tom Wolfe e o realismo em debate. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2009. Disponível em: <[https://www.academia.edu/36559845/O\\_jornalismo\\_toma\\_o\\_poder\\_New\\_journalism\\_Tom\\_Wolfe\\_e\\_o\\_realismo\\_em\\_debate?email\\_work\\_card=title](https://www.academia.edu/36559845/O_jornalismo_toma_o_poder_New_journalism_Tom_Wolfe_e_o_realismo_em_debate?email_work_card=title)>. Acesso em: 24/06/2023.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 3ª. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 1998. Disponível em: <[michel-de-certeau-a-invencao-do-cotidiano.pdf](https://michel-de-certeau-a-invencao-do-cotidiano.pdf) (wordpress.com)>. Acesso em: 24/03/2023.

CHESTER, Rick. **A favela venceu: de um povo heroico o brado retumbante**. São Paulo, SP: Buzz, 2020.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo, SP: Contexto, 2008. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1250/epub/0?code=H6Sm3yicDFGeuAljM144hKhbZgU5sqAukaohPVXhwMDOa5Vn5ICYah8vLNNGupYejbb/XZzKw5Gt7hKuYKy1g==>>. Acesso em: 01/03/2023.

COSSON, Rildo. Romance-reportagem: o império contaminado. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo, SP: Escrituras, 2002.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Edição Especial. São Paulo, SP: Martin Claret, 2016.

CUNHA, Marize Bastos de. Cenas históricas de participação popular na constituição de um campo de fronteira nas favelas do Rio de Janeiro. In: RODRIGUES, Rute Imanishi (org). **Vida social e política nas favelas**: pesquisa de campo no Complexo do Alemão. Rio de Janeiro, RJ. IPEA, 2016.

FERNANDES, Andre. **Perseguindo um sonho**: A história de fundação da primeira agência de notícias de favelas do mundo. 3ª. ed. Rio de Janeiro, RJ. AFN Produção, 2018.

GALEANO, Alex. Palavras que tecem e livros que ensinam a dançar. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo, SP: Escrituras, 2002.

GALIZA, Helena Rosa Santos. Moradores e moradias na zona portuária do Rio de Janeiro: três inserções e olhares transformados. In: BROUDEHOUX, Anne-Marie; MENDES, Mariana Fernandes (orgs). **10 anos de Porto Maravilha**: do projeto de renovação à construção de um novo espaço de exclusão. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Letra Capital, 2019.

GONSALEZ, Alexandra. **Jornalismo Comunitário**. São Paulo, SP: Contexto, 2022.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2022.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo, SP. Ática S.A., 1987.

LEITE, Márcia Pereira. **Entre o individualismo e a solidariedade**: dilemas da política e da cidadania no Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15, n. 44, pp. 74 – 90. Out. 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092000000300004>>. Acesso em: 01/04/2023.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário**: revisão conceitual, história e novas perspectivas. Intercom Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 40 (3), pp. 21-36. Set-Dez. 2017. Disponível em: <Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201732>>. Acesso em: 31/05/2023.

MATTOS, Romulo Costa. “Reino do céu” ou territórios das “classes perigosas”? O morro da Favela no contexto da visita de Filippo Tommaso Marinetti (1926). In: DINIZ, Clarissa; CARDOSO, Rafael (Orgs.). **Do Valongo à Favela**: Imaginário e periferia. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2015.

\_\_\_\_\_. O Morro da Favela como o território das “classes perigosas” na Primeira República. In: GONÇALVES, Rafael; BRUM, Mario; AMOROSO, Mauro (Orgs). **Pensando as favelas cariocas**: história e questões urbanas. V.1. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2021.

MEDEIROS, Alexandre da Silva. *et al.* **Pesquisa Social**. Curitiba, PR: Intersaberes, 2013. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/9955/pdf/0?code=OAm+PO+wNoEz>>

bwbF8JBA6GaO0z11XmRqvz4YQPrbII+9NCUEKDhbbh9B1FAn4WaYf82pLqMFODIeRayHisc7CpQ==>. Acesso em: 01/03/2023.

MEDEL, Manuel Ángel Vásquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo, SP: Escrituras, 2002.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira**. São Paulo, SP: Gente, 2014.

OLERJ. **Favelas cariocas**. Observatório Legislativo da Intervenção Federal na Segurança Pública do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/favelas-cariocas#:~:text=O%20Censo%20de%202010%2C%20IBGE,favelas%3A%201.393.314%20habitantes>>. Acesso em: 25/03/2023.

OLIVEIRA, Hugo. In: IAB RJ. **Lançamento Cartilha Potência das Periferias: favela contra a Covid – IAB-RJ**. Youtube, 20/09/2022. Vídeo (23min - 27min08s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZQzPsE0WHV&t=1549s>>. Acesso em: 24/03/2023.

PEIXOTO, Carlos. Seis propostas para o próximo jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo, SP: Escrituras, 2002.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo, SP: Contexto, 2006. Disponível em: <[https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1220/epub/0?code=IN9pUhC4YBxTn0H4Br78RjeFGG1HYDbzV392ZmmwcbD8lq4Q/jm/JmZ6psEHj+N1uEjTqHNwcQ1cliKaa4zw==](https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/1220/epub/0?code=IN9pUhC4YBxTn0H4Br78RjeFGG1HYDbzV392ZmmwcbD8lq4Q/jm/JmZ6psEHj+N1uEjTqHNwcQ1cliKaa4zw==>)>. Acesso em: 20/03/2023.

RBA, Redação. **Moradores de favela no Rio dão exemplo de organização contra a covid-19**. Rede Brasil Atual. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/moradores-de-favela-no-rio-dao-exemplo-de-organizacao-contracovid-19/>>. Acesso em: 25/03/2023.

SANTOS, Daniella; OLIVEIRA, Eliane. **A (des)caracterização do livro-reportagem em projetos experimentais de Jornalismo**. In: 27o. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre - RS, 2004.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. **Do folhetim à crônica: gêneros fronteiriços entre o livro e o jornal**. Estudo em Jornalismo e Mídia. Ano VI, n. 1, pp. 11 – 22. Jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p11/10463>>. Acesso em: 28/03/2023.

SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo, SP: Escrituras, 2002.

SILVA, Luiz Antonio; LEITE, Marcia Pereira. Violência, crime e política: o que os favelados dizem quando falam desses temas?. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da (Org.). **Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas cariocas**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira/Faperj, 2008. p. 46-76.

SOARES, Luiz Eduardo. Prefácio. In: MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela**: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo, SP: Gente, 2014. p. 7-16

STANCKI, Rodolfo. **Entranhas da imprensa**: teoria e prática dos gêneros jornalísticos. Curitiba, PR: Intersaberes, 2018. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/158421/pdf/0?code=ZmUvH23qT5LjC/lmsi+fBKwCKGYoXYs/d2+w/uZu5bsAOdoxGejYb6sv0fB0Lxcq7iNPcMaFD9WBBrrzzj2fkgQ==>>. Acesso em: 27/03/2023.

VALLADARES, Licia. **A invenção da favela**: Do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

YOUTUBE. **“Histórias que se contam” com Edvaldo Pereira**. Vídeo (6min47s). Disponível em: <<https://youtu.be/A7uqTm4zv8k>>. Acesso em: 16/04/2023.

ZAMIN, Angela. **Livros de repórter, saberes de entremeio**: relatos jornalísticos sobre a cobertura de conflitos. 2011, v. 8, n. 2, pp. 05-34 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2011v8n2p389/20191>>. Acesso em: 17/03/2023.